

Jacilene Brito da Silva

FANTASIAS VIRTUAIS:

O Desejo do Eu que
Gostaria de Ser



 **AYA EDITORA**
2026

FANTASIAS VIRTUAIS:

O Desejo do Eu que
Gostaria de Ser

Jacilene Brito da Silva

FANTASIAS VIRTUAIS:

O Desejo do Eu que
Gostaria de Ser

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organizadora

Jacilene Brito da Silva

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Revisão

A Autora

Produção Editorial

AYA Editora©

Capa

AYA Editora©

Imagens de Capa

DALL-E 3

Área do Conhecimento

Ciências da Saúde

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva (UNIDAVI)

Prof.ª Dr.ª Adriana Almeida Lima (UEA)

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza (UCPEL)

Prof.º Dr. Alaerte Antonio Martelli Contini (UFGD)

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos (IFAP)

Prof.º Dr. Carlos Eduardo Ferreira Costa (UNITINS)

Prof.º Dr. Carlos López Noriega (USP)

Prof.ª Dr.ª Cláudia Flores Rodrigues (PUCRS)

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chirolí (UTFPR)

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota (IFPI)

Prof.ª Dr.ª Déa Nunes Fernandes (IFMA)

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis (UEMG)

Prof.º Dr. Denison Melo de Aguiar (UEA)

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos (UNIFAP)

Prof.º Dr. Gilberto Zammar (UTFPR)

Prof.º Dr. Gustavo de Souza Preussler (UFGD)

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota (IF Baiano)

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza (UFS)

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso (UNISC)

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão (UFPE)

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski (UTFPR)

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior (UFRR)

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra (IFCE)

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho (UFRPE)

Prof.ª Dr.ª Maralice Cunha Verciano (CEDEUAM-Unisalento - Lecce - Itália)

Prof.ª Dr.ª Marcia Cristina Nery da Fonseca Rocha Medina (UEA)

Prof.ª Dr.ª Maria Gardênia Sousa Batista (UESPI)
Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes (UTFPR)
Prof.º Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda (UEPG)
Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes (UFRA)
Prof.º Dr. Raimundo Santos de Castro (IFMA)
Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani (UTFPR)
Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira (IFAC)
Prof.º Dr. Rômulo Damasclin Chaves dos Santos (ITA)
Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia (UTFPR)
Prof.ª Dr.ª Tânia do Carmo (UFPR)
Prof.º Dr. Ygor Felipe Távora da Silva (UEA)

Conselho Científico

Prof.º Me. Abraão Lucas Ferreira Guimarães
Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz (UniCesumar)
Prof.º Dr. Clécio Danilo Dias da Silva (UFRGS)
Prof.ª Ma. Denise Pereira (FASU)
Prof.º Dr. Diogo Luiz Cordeiro Rodrigues (UFPR)
Prof.º Me. Ednan Galvão Santos (IF Baiano)
Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig (UFPR)
Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva (HONPAR)
Prof.º Dr. Gilberto Sousa Silva (FAESF)
Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues (FASF)
Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti (UFPR)
Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim (FASF)
Prof.ª Dr.ª Lucimara Glap (FCSA)
Prof.ª Dr.ª Maria Auxiliadora de Souza Ruiz (UNIDA)
Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa (UniOPET)
Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch (FASF)
Prof.ª Dr.ª Rosângela de França Bail (CESCAGE)
Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens (FASF)
Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares (UFPI)
Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros Rodrigues (FASF)
Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda Santos (UTFPR)
Prof.ª Dr.ª Tássia Patrícia Silva do Nascimento (UEA)
Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues (IFSC)

© 2026 - AYA Editora. O conteúdo deste livro foi enviado pela autora para publicação em acesso aberto, sob os termos da Licença Creative Commons 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta obra, incluindo textos, imagens, análises e opiniões nela contidas, é resultado da criação intelectual exclusiva da autora, que assumem total responsabilidade pelo conteúdo apresentado. As interpretações e posicionamentos expressos neste livro representam exclusivamente as opiniões da autora, não refletindo, necessariamente, a visão da editora, de seus conselhos editoriais ou de instituições citadas. A AYA Editora atuou de forma estritamente técnica, prestando serviços de diagramação, produção e registro, sem interferência editorial sobre o conteúdo. Esta publicação é fruto de pesquisa e reflexão acadêmica, elaborada com base em fontes históricas, dados públicos e liberdade de expressão intelectual garantida pela Constituição Federal (art. 5º, incisos IV, IX e XIV). Personagens históricos, autoridades, entidades e figuras públicas eventualmente mencionadas são citados com base em registros oficiais e noticiosos, sem intenção de ofensa, injúria ou difamação. Reforça-se que quaisquer dúvidas, críticas ou questionamentos decorrentes do conteúdo devem ser encaminhados exclusivamente a autora da obra.

S5861 Silva, Jocilene Brito da

Fantasia virtuais: o desejo do eu que gostaria de ser [recurso eletrônico]. / Jocilene Brito da Silva -- Ponta Grossa: Aya, 2026. 38 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-977-6

DOI: 10.47573/aya.5379.1.469

1. Ego (Psicologia). 2. Psicanálise. 3. Autoaceitação. 4. Ciberespaço - Aspectos sociais. 5. Ciberespaço - Aspectos psicológicos. 6. Realidade virtual - Aspectos psicológicos. I. Título

CDD: 126

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora LTDA

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

Dedico este trabalho aos meus filhos Gabriel e Thiago, pelas inúmeras vezes que me incentivaram a prosseguir mesmo diante de vários obstáculos. O amor incondicional dos dois contribuiu para a realização de um sonho.

Agradeço a Deus por estar presente em todos os momentos de incertezas diante das dificuldades que me deixavam paralisada, mas uma força maior me conduzia para prosseguir em busca do meu sonho. Hoje não é mais um sonho, e sim uma realidade.

Agradeço à minha mãe Glória e meu pai Edinaldo por terem me ensinado valores, que para mim são de suma importância, e me colocaram em movimento em busca do meu desejo.

*Às minhas irmãs Jaciara e Inácia, pelas diversas vezes que falaram “não desista, você consegue”.
Meninas, eu consegui.*

Ao meu amigo de turma Fábio, que durante esses cinco anos que estivemos juntos nos apoiamos mutuamente, compartilhamos conhecimento, dúvidas e conquistas. Faço minhas as suas palavras “amizade para a vida”. Obrigada.

A todos os professores que contribuíram agregando conhecimento durante a graduação, e em especial a professora Dr^a Marciela Henckel, que sempre me incentivou fazendo-me acreditar que eu era capaz.

À orientadora Andréia Luizão, que esteve participativa durante a construção desse trabalho, apoiando minha ideia de pesquisa.

Ao meu cunhado José Carlos, pelas dúvidas esclarecidas e pelas resoluções dos problemas tecnológicos.

Ao meu esposo Valdenir, que de forma particular contribuiu para que eu valorizasse o meu desejo e não desistisse do meu sonho.

*Interrupções, incoerência, surpresa
são as condições comuns de nossa vida.
Elas se tornaram mesmo necessidades
reais para muitas pessoas, cujas mentes
deixaram de ser alimentadas... Por outra
coisa que não mudanças repentinas e
estímulos constantemente renovados...
Não podemos mais tolerar o que dura.
Não sabemos mais fazer com que o tédio
dê frutos. Assim toda a questão se reduz a
isto: pode a mente humana dominar o que
a mente humana criou?*

Paul Valéry

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	12
VICISSITUDE DAS RELAÇÕES SOCIAIS.....	13
Era Virtual	14
FANTASIA A REALIZAÇÃO DO DESEJO	18
Fantasias Virtuais	18
ANSIEDADE E ANGÚSTIA FRENTE À PSICANÁLISE	23
Ambiente Virtual e o Surgimento de Conflitos Psicológicos.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	31
SOBRE A AUTORA	33
ÍNDICE REMISSIVO	34

APRESENTAÇÃO

Essa monografia foi fundamentada no tema fantasias virtuais em busca do eu que gostaria de ser. A pesquisa abordou as relações sociais no mundo virtual a partir dos autores que discutem sobre o tema e sob o viés psicanalítico, para melhor entendimento dos conflitos psíquicos relacionados às experiências vividas nesse ambiente.

Sendo a ansiedade o interesse de discussão nesse trabalho, a qual poderá emergir pela fantasia virtual realizada em busca do desejo do ego ideal. Assim, o ambiente virtual possibilita ao sujeito outra forma de realizar fantasias, uma vez que se apresenta como um mundo fascinante e sedutor, permitindo uma realidade provavelmente não vivenciada no cotidiano.

Contudo, a fantasia realizada no ambiente virtual poderá causar uma desorganização psíquica, pois o sujeito pode se apresentar como gostaria de ser, e não necessariamente como é de fato, travando uma busca incessante pela aprovação do outro.

O uso do ambiente virtual em busca da realização do desejo do eu ideal poderá trazer consequências negativas na vida “real” do sujeito, comprometendo as relações no âmbito familiar e social, contribuindo para desencadear uma desorganização psíquica mediante o uso inadequado e/ou excessivo.

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é a fantasia realizada no ambiente virtual, sendo esse um mundo sedutor que se apresenta como outra possibilidade de realizar as fantasias em busca do eu que gostaria de ser. O ambiente virtual é fascinante, permitindo uma realidade provavelmente não vivenciada no cotidiano. No entanto, poderá gerar ansiedade pelo desejo de alcançar a felicidade, a qual está pautada na fantasia virtual em busca de uma realização psíquica.

O sujeito que interage por meio das redes sociais poderá sofrer uma pressão para que se apresente de forma igual, ou seja, se apresente de forma “ideal” dentro do esperado em determinada sociedade.

O conteúdo aqui apresentado teve o intuito de proporcionar uma melhor compreensão das relações sociais no mundo virtual sobre o olhar psicanalítico. Para melhor entendimento dos conflitos psíquicos relacionados às experiências na realidade virtual, também buscou-se contribuir com informações para a ciência e para a psicologia, pois o tema está fortemente presente na modernidade e vem estimulando várias pesquisas no que se refere às consequências psicológicas em relação à problemática.

No objetivo primário foram abordadas as fantasias, o desejo em busca do ego ideal, sendo o interesse de discussão nesse trabalho a ansiedade que pode emergir pela busca incessante de um ego ideal, que poderá ocasionar ao sujeito uma sintomatologia relacionada à ansiedade, contribuindo para uma desorganização do funcionamento psíquico.

Assim, em primeiro lugar, foi realizada uma revisão bibliográfica para melhor compreensão das relações virtuais e sua relação com a ansiedade mediante a busca do desejo pelo ego ideal. A seguir foram pesquisadas informações de fundamentos psicanalíticos para melhor compreensão da fantasia no funcionamento psíquico e sua relação com a realização do desejo. Por último foi ampliado o conhecimento sobre fantasias virtuais em busca do ego ideal e sua relação com a ansiedade.

VICISSITUDE DAS RELAÇÕES SOCIAIS

Neste capítulo inicial serão apresentadas de forma breve as constantes e progressivas mudanças da sociedade, provocando alterações nos padrões e configurações dos relacionamentos humanos, rompendo paradigmas em relação ao conceito tradicional.

De acordo com Della (1989), o homem é um ser social por natureza e por meio das interações sociais torna-se humano. Neste sentido, o indivíduo, desde o seu nascimento, faz parte de um grupo. No decorrer da sua existência torna-se pertencente a outros, como grupos de vizinhos, amizades, igreja, grupos profissionais, entre tantos outros, os quais corroboram para o desenvolvimento individual. A respeito da interação social, Della (1989, p. 44) fala:

Vivendo em sociedade, por sua própria natureza, o homem está em permanente interação com seu semelhante, estabelecendo relações sociais, adquirindo consciência grupal, criando cultura. Tudo isso resulta da convivência social, caracterizada por interações mentais e conscientes entre os indivíduos.

Considerando o exposto, é intrínseco ao ser humano manter relação com o outro, construindo seus valores culturais, identificando-se, tornando-se pertencente e inserindo-se ao processo grupal. No decorrer da história da humanidade, os padrões dos relacionamentos foram tomando novos contornos.

Para Lipovetsky (2004), a passagem do mundo industrial, ou modernidade, para a globalização, ou pós-modernidade, foi marcada por mudanças significativas na sociedade, alterando os padrões e configurações das relações humanas. Para o autor, cada época é marcada pela característica do seu laço social. A modernidade foi representada por identificações organizadas verticalmente. Na globalização, os laços passaram a ser identificados horizontalmente. Diante do mundo hipermoderno, o ser humano encontra-se sem rumo diante de tantas possibilidades.

Lipovetsky (2004) acrescenta que houve uma mudança significativa no ambiente social e a forma como lidar com o presente a partir da desagregação do mundo tradicional. Não se vive mais o regime de emancipação, mas sim foi estabelecida uma tensão nervosa. Sendo essa uma consequência das incertezas no futuro, da globalização que se torna cada vez mais frequente e o desenvolvimento desfreio das tecnologias da informação.

De acordo com o apresentado, as mudanças tecnológicas extremamente rápidas, no tocante ao advento da internet, têm requerido do ser humano uma nova autopercepção e uma nova preparação para a vida em sociedade.

Era Virtual

A chamada era virtual tem derrubado dogmas, desafiado princípios, criado novas formas de expressar sentimentos e se relacionar, convocando as pessoas a um ritmo vertiginoso.

Mediante o avanço tecnológico associado à internet, as formas de relacionar-se foram tomando novos contornos. São infinitas as possibilidades de interações sociais na plataforma online que esse universo proporciona, tornando-se parte integrante da vida social por meio de uma gama de sites e páginas de relacionamentos como Facebook, X, blogs, Tiktok, Messenger, WhatsApp, Chat, que permitem aos internautas bate-papos, promover reencontros, postar fotos, vídeos, atualização do perfil (conforme interesse), simplesmente deslizando o dedo sobre o feed de uma rede social.

De acordo com Bauman (2001), as relações tornam-se cada vez mais “flexíveis”, gerando níveis de insegurança. Pois diante da modernidade líquida que vivemos cada dia mais as relações em “redes” vão ocupando grande espaço e se tornando uma prioridade nos relacionamentos.

Por sua vez, Lipovetsky (2004, p 57) fala:

Quanto menos o futuro é previsível, mais ele precisa ser mutável, flexível, reativo, permanentemente pronto a mudar, supermoderno, mais moderno que os modernos dos tempos heroicos, A mitologia da ruptura radical foi substituída pela cultura do mais rápido e do sempre mais: mais rentabilidade, mais desempenho, mais flexibilidade, mais inovação. Resta saber se, na realidade, isso não significa modernização cega, niilismo técnico-mercantil, processo que transforma a vida em algo sem propósito e sem sentido.

Em sua obra intitulada “Modernidade Líquida”, Bauman se refere ao mundo do software como o tempo instantâneo e sem substância. Portanto, um tempo sem consequências. Sendo a instantaneidade das realizações imediatistas, que ocorrem no “ato”, mas também exaustão e desaparecimento do interesse (Bauman, 2001).

Portanto, no ambiente virtual tudo acontece rapidamente, não há tempo para questionamento nenhum, tampouco sofrimento. Nesse contexto não se dão conta das perturbações psíquicas causadas pelo mundo vazio.

Segundo Bauman (2001), fixar-se ao solo perdeu a sua importância se o solo pode ser alcançado e imediatamente abandonado. Contudo, fixa-se fortemente, sobrecarregando laços por meio de vínculos, pode ser nocivo, levando em consideração que novas oportunidades surgem em outros lugares. O autor complementa:

A distância em tempo que separa o começo do fim está diminuindo ou mesmo desaparecendo; as duas noções, que outrora eram usadas para marcar a passagem do tempo, e portanto para calcular seu “valor perdido”, perderam muito do seu significado - que, como todos os significados, deriva de sua rígida oposição. Há apenas “momentos”- pontos sem dimensões. (Bauman, 2001, p.150).

Bauman (2004) destaca a rapidez a qual as relações são estabelecidas, mas ao mesmo tempo essas relações são desmanchadas com igual facilidade. Está se perdendo a capacidade de manter relações ao longo prazo.

Segundo Bauman (2004), os “relacionamentos reais” são comparados com a “coisa”: autêntica pesada, lenta e confusa. Por sua vez, os “relacionamentos virtuais” parecem inteligentes, limpos, fáceis de compreender e manusear.

Bauman (2004) elucida que não se sabe de fato o que leva o sujeito a manter interações sociais por meio das redes eletrônicas. Poderá ser a facilidade de conectar-se ou a de interromper a conexão a qualquer instante. Sendo que há evidências que apontem uma possível urgência pela última.

De acordo com a situação acima apresentada, provavelmente falta disposição para lidar com o precário. O sujeito poderá estar perdendo a capacidade de lidar com os conflitos que poderão surgir em um relacionamento “real”, os quais são importantes para o crescimento e fortalecimento de uma relação sólida e mais duradoura.

Nesta perspectiva, o ser humano pode estar perdendo sua capacidade de manter um relacionamento direto, de forma que, para que esse venha a acontecer haja necessidade de um investimento psíquico na construção de uma relação autêntica e duradoura, investimento esse relacionado com o vínculo ao objeto de desejo. Contudo, construir uma relação sólida e duradoura parece não fazer parte dos desejos da “geração virtual”. Há uma urgência em

busca da satisfação imediata. Esse novo contexto de comunicação que se apresenta poderá trazer implicações e uma constante busca pela realização dos desejos conscientes ou inconscientes em busca do prazer imediato.

Lipovetsky (2004) fala da cultura da busca pelo prazer sendo o único propósito da vida, onde há uma necessidade imediatista em busca do prazer.

Nasce toda uma cultura hedonista e psicologista que incita à satisfação imediata das necessidades, estimula a urgência dos prazeres, enaltece o florescimento pessoal, coloca no pedestal o paraíso do bem-estar, do conforto e do lazer. Consumir sem esperar; viajar; divertir-se; não renunciar a nada: as políticas do futuro radiante foram sucedidas pelo consumo como promessa de um futuro eufórico (Lipovetsky, 2004, p. 61).

Desse modo, os prazeres da vida civilizada trazem consequências, o sofrimento e a satisfação como o mal-estar. O princípio do prazer se reduz na medida do princípio da realidade. O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por um pouco de segurança. O mal-estar da modernidade provinha da sensação de segurança que suporta a limitação de liberdade em favor da felicidade (Bauman, 1998 *apud* Pereira; Coelho, 2010).

Freud (1930) aponta que o progresso da ciência e o avanço tecnológico não colaboraram para que houvesse um aumento significativo da felicidade plena almejada pela humanidade. O progresso excepcional nas ciências naturais, estabelecendo seu controle sobre a natureza, e o avanço da medicina prolongando consideravelmente a vida média do homem civilizado, entre outras inúmeras descobertas científicas e técnicas, não contribuíram para o aumento da satisfação prazerosa, da mesma forma que não tornaram o homem mais feliz.

Conforme apresentado, há evidências que o avanço tecnológico não proporciona ao homem um estado de felicidade. “As épocas futuras trarão com elas novos e provavelmente inimagináveis grandes avanços nesse campo da civilização...” (Freud, 1930, p. 98). A felicidade está composta por traços substancialmente subjetivos.

De acordo com Freud (1930), os comportamentos dos humanos indicam qual o propósito e a intenção de suas vidas. Não há como negar o que pedem da vida e o que desejam nela realizar. O homem estabelece uma busca constante para obter a felicidade, querer ser feliz e assim permanecer. O autor complementa que a busca em obter felicidade apresenta aspectos positivos e negativos. “Por um lado, visa uma ausência de sofrimento e

de desprazer, por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer” (Freud, 1930, p. 84).

Ainda sobre a felicidade, Freud (1930) argumenta que as possibilidades de se deparar com esse sentimento são sempre restritas, equiparadas a uma chance maior do contato com a infelicidade.

Em sua obra intitulada “O mal Estar da Civilização” Freud fala (1930, p. 85):

Contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se a distância das outras pessoas. A felicidade passível de ser conseguida através desse método é como vemos, a felicidade da quietude. Contra o terrível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele, se pretendermos solucionar a tarefa por nós mesmos.

Considerando o escrito de Freud, poderá o ambiente virtual apresentar-se como uma possibilidade de defesa contra as ameaças advindas das relações “reais”. Partido do ponto de vista que na era virtual se gasta mais tempo olhando para uma tela e estabelecendo conexão com o outro, que não se apresenta acessível fisicamente. Portanto, o sujeito se mantém cada vez mais distante, evitando o contato direto, a troca de ideias, não se permitindo entrar em contato com a fragilidade do outro e, assim, com suas próprias fragilidades.

Freud (1930) aponta três direções que levam o sujeito ao sofrimento: a decadência do corpo, o mundo externo e por último a relação com o outro. Contudo, o sofrimento derivado dessa última dimensão talvez seja o mais doloroso, pois ocorre ao longo de toda a existência.

Para Freud (1930), a vida na qual o sujeito está submerso proporciona muito sofrimento diante das decepções e as exigências de realizações de tarefas impossíveis, sendo necessárias medidas paliativas para suportar as exigências implacáveis que a vida impõe. O autor aponta medidas paliativas, que poderão contribuir para melhorar o enfrentamento diante do sofrimento humano. Destaca as substâncias tóxicas, o trabalho, satisfações substantivas que poderão fazer contraste com a realidade e a fantasia.

Sendo interesse desse trabalho compreender a fantasia e sua relação com o desejo em busca do eu, a qual poderá contribuir para que o sujeito possa desenvolver uma sintomatologia relacionada à ansiedade, contribuindo para uma desorganização do funcionamento psíquico.

FANTASIA A REALIZAÇÃO DO DESEJO

No capítulo anterior foram apresentados de forma breve os padrões e configurações que permeiam as relações sociais para melhor compreensão dessa nova possibilidade de interação. Neste capítulo apresentam-se as fantasias realizadas no ambiente virtual e sua relação com o desejo em busca do eu.

Considerando os escritos de Freud sobre “Fantasia” 1897, Roudinesco (1998, p. 223) diz:

Termo utilizado por Sigmund Freud* primeiro no sentido corrente que a língua alemã lhe confere (Fantasia ou imaginação), depois como um conceito, a partir de 1897. Correlato da elaboração da noção da realidade psíquica* e do abandono da teoria sedução* designa a vida imaginária do sujeito* e a maneira como esse representa para si mesmo sua história ou a história de suas origens: fala-se então de fantasia originário.

Conforme Dalgarrondo (2008), a fantasia, ou fantasma, é uma produção imaginativa, criação excessivamente pequena e organizada da imaginação. Sendo a imaginação uma atividade psíquica, que no geral ocorre de forma voluntária, que formada por evocação de imagens mnêmica ou na criação de novas imagens. “No sentido psicanalítico, a fantasia pode ser consciente ou inconsciente. Ela se origina de desejos, temores e conflitos tanto conscientes como inconscientes” (Dalgarrondo, 2008, p.122).

Outro aspecto se refere à frequência e intensidade da criação fantástica nas crianças. Às vezes poderá estar presente em algumas personalidades, como as histéricas. A produção de fantasia tem uma importante função psicológica: “ajudar o indivíduo a lidar com frustrações, com o desconhecido e, de modo geral, com os seus conflitos. Muitas pessoas encontram grande prazer em suas atividades fantasmáticas [...]” (Dalgarrondo, 2008, p. 122).

Fantasias Virtuais

Nobre e Moreira (2013) elucidam que a fantasia se encontra como um dispositivo psíquico mediador de conflitos entre as exigências pulsionais do isso (id) e a realidade, ou seja, a fantasia permite ao sujeito lidar com as exigências impostas pelo o id e com a realidade material. Neste sentido, as fantasias realizadas no ambiente virtual poderão ser um meio para diminuir

as angústias diante das exigências do inconsciente e das atrocidades da realidade.

As fantasias são mantidas pelas frustrações impostas pela vida cotidiana. A fantasia expressa a realização de um desejo, dessa forma procura satisfazer o desejo independente da realidade. Neste sentido, o sujeito encontra no ciberespaço um meio para realizar suas fantasias à procura do desejo reprimido, mesmo quando a realização não condiz com a realidade (Kusnetfoff, 1982 *apud* Lanzarin, 2000).

Bauman (2004, p. 27) explana:

Em sua versão ortodoxa, o desejo precisa ser cultivado e preparado, o que envolve cuidados demorados, a árdua barganha com consequências inevitáveis, algumas escolhas difíceis e concessões dolorosas. Mas, pior que tudo, impõe que se retarde a satisfação, sem dúvida o sacrifício mais detestado em nosso mundo de velocidade e aceleração em sua reencarnação radical, aguçada e, sobretudo, compacta como impulso, o desejo perdeu a maior parte de tais protelatórios, enquanto focalizava mais de perto o seu alvo. Tal como nos comerciais que anunciavam o surgimento dos cartões de créditos, agora não precisamos esperar para satisfazer nossos desejos.

Nobre e Moreira (2013) afirmam que os relacionamentos virtuais são sustentados pela idealização, ou seja, o sujeito poderá se apresentar como gostaria de ser, e não necessariamente como é de fato, da mesma maneira que o outro corresponda às suas expectativas. O sujeito que faz uso do ambiente virtual encontra possibilidade de expor e explorar com clareza suas fantasias. Ele publica suas preferências e apresenta seu perfil com características desejadas. Nessa interação comunicativa, espera obter a mesma informação do outro. Bauman (2001, p. 106) alude que “Ilusão ou não, tendemos a ver as vidas dos outros como obras de arte. E tendo-as visto assim, lutamos para fazer o mesmo: todo mundo tenta fazer de sua vida uma obra de arte”.

Conforme Oliveira e Ceccarelli (2015), a partir de um aparelho eletrônico pode-se construir uma representação de si mesmo, suas características físicas, psicológicas e escolha do sexo. Logo se relaciona com o outro, que por sua vez poderá construir da mesma forma suas representações. Assim passam a viver num mundo totalmente virtual, em tempo real, e a distância não apresenta um obstáculo.

Lanzarin (2000), por sua vez, se refere ao ambiente virtual como o “Baile de Máscara do Final deste Milênio”. As máscaras, metáforas do anonimato, as quais autorizam a comunicação não demonstrada por meio de palavras, são suspensas do olhar social da censura. Surgem outras palavras, outras formas de agir e outros habitantes de sua subjetividade.

A linguagem é um muro para a sexualidade e este é motivo pelo qual a relação vem carregada de angústia, pois não há relação entre o que é o outro e a fantasia. Portanto, não tem como diferenciar o mundo real do virtual. O que é importante é a imagem que o outro tem do sujeito, independente do contexto. Neste sentido, o parecer é mais importante que o ser (Semerene, 1999 *apud* Pereira; Coelho, 2010).

O ambiente virtual oferece condições propícias para a utilização de estereótipos aclamados pela mídia para que o sujeito se apresente conforme sua idealização. Dessa forma, é travada uma busca ininterrupta pela aceitação, ou seja, aprovação pelo que não são (Chagas, 1999 *apud* Coelho; Pereira, 2010). Assim, o ambiente virtual possibilita ao sujeito ir de encontro das suas fantasias em busca da realização do desejo, sendo esse pautado na busca pela aprovação do outro.

A respeito do desejo, Roudinesco (1998, p. 146) declara:

Desejo termo empregado em filosofia, psicanálise* e psicologia para designar, ao mesmo tempo, a propensão, o anseio, a necessidade, a cobiça ou o apetite, isto é, qualquer forma de movimento em direção a um objeto cuja atração espiritual ou sexual é sentida pela alma e pelo corpo. Em Sigmund Freud*, essa ideia é empregada no contexto de uma teoria do inconsciente* para designar, ao mesmo tempo, a propensão e a realização da propensão. Nesse sentido, o desejo é a realização de um anseio ou voto (Wunsch) inconsciente. Segundo essa formulação freudiana clássica, empregam-se como sinônimos de desejo as palavras alemãs Wunscherfüllung e Wunschbefriedigung e a expressão inglesa wish fulfillment (desejo no sentido da realização ou satisfação de um anseio inconsciente).

Segundo Coelho e Pereira (2010), possivelmente a busca por relacionamentos em redes sociais seja uma fuga da realidade em prol de outra realidade, estabelecendo uma duplicidade simultânea. Portanto, a criação de identidades imaginárias poderá ser uma proteção contra uma realidade afetiva difícil de suportar.

Sobre a busca de um relacionamento que proporcione a felicidade imediata, Bauman (2004, p. 23) ilustra:

O amor pode ser, e frequentemente é, tão aterrorizante quanto a morte. Só que encobre essa verdade com a comoção do desejo e do excitação. Faz sentido pensar na diferença entre amor e morte como na que existe entre atração e repulsa. Pensando bem, contudo, não se pode ter tanta certeza disso. As promessas do amor são, via de regra, menos ambíguas do que suas dádivas. Assim, a tentação de apaixonar-se é grande e poderosa, mas também o é a tração de escapar. E o fascínio da procura de uma rosa sem espinhos nunca está muito longe, e é sempre difícil de resistir.

Na contemporaneidade, as redes sociais parecem estar se tornando algo intrínseco ao ser humano. Há certa dependência voltada para aparelhos portáteis que permitem uma interação em qualquer hora e espaço. “Os celulares são para pessoas em movimento. Você nunca perde de vista o seu celular” (Bauman, 2004, p.79).

Bauman (2004) argumenta que, com os olhos fixados em um aparelho de celular, torna-se desnecessário evitar um contato visual, pois, de qualquer forma, os olhos já se tornaram paredes em branco. Portanto, uma parede em branco não emite danos ao encarar uma outra. “Com tempo suficiente, os celulares treinariam os olhos a olhar sem ver” (Bauman, 2004, p. 81- 82). Assim, submerso no mundo virtual, com os olhos fixados em uma tela de aparelhos eletrônicos, vão se perdendo as possibilidades de vivenciar momentos de felicidades no mundo “real”. O sujeito abdica do tempo o qual poderia desfrutar com a família, amigos ou simplesmente parar e apreciar a beleza exuberante de um ipê amarelo, o qual se apresenta majestoso, frondoso, com suas flores reunidas em cachos que parecem o sol a brilhar, e produz uma viva impressão de deleite e admiração, em prol da interação virtual.

Por sua vez, Freud (1930) ressalta que os homens buscam poder, sucesso e riqueza para eles, os admiram nos outros e deixam de valorizar tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida. Assim passam a empregar falsos padrões de avaliação. Contudo, há uma discrepância entre os pensamentos e as ações, assim como a pluralidade de seus impulsos repletos de desejos. Bauman (2001, p. 162-163) complementa:

É difícil conceber uma cultura indiferente à eternidade e que evita a durabilidade. Também é difícil conceber a moralidade indiferente às consequências das ações humanas e que evita a responsabilidade pelos efeitos que essas ações podem ter sobre outros. O advento da instantaneidade conduz a cultura e a ética humanas a um território não mapeado e inexplorado, onde a maioria dos hábitos aprendidos para lidar com os afazeres da vida perdeu sua utilidade e sentido.

De acordo com Oliveira e Ceccarelli (2015), a internet está cada vez mais presente na sociedade contemporânea e passa a fazer parte do contexto cultural da última década, podendo ser transformada num “estilo de vida”. Ou seja, o advento da internet possibilita viver o que sempre se quis, poder trabalhar em algo diferente da profissão que se escolheu, ter os melhores amigos. Dessa forma, a pessoa pode se apresentar mais feliz. Portanto, os internautas encontram nesse espaço a oportunidade de realização dos sonhos, sem levar em consideração a realidade.

Lanzarin (2000) declara que as relações virtuais se caracterizam por ultrapassarem a presença física. Contudo, conhecer o outro só é possível por meio das representações por ele estabelecidas, levando em consideração que a rede propicia o anonimato, permitindo o surgimento de outros habitantes da subjetividade. Lanzarin (2000) complementa que a internet desperta no sujeito um fascínio, mediante a instauração de uma nova forma de relação do sujeito com a fantasia. O sujeito pode exercer seu lado criativo, viajar na imaginação, se libertando das amarras sociais e determinações. Portanto, o ambiente virtual possibilita a criação de uma imagem diferente das características da realidade corporal.

Bauman (2004) elucida que estar em movimento, antes de um privilégio ou uma conquista, torna-se uma necessidade. Manter-se em alta velocidade, antes uma aventura estimulante, atualmente se torna uma busca cansativa e, o mais importante, a desagradável incerteza e irritante confusão em que o sujeito se encontra, sempre em busca de uma satisfação do desejo, se recusam a sair de cena. A facilidade de um rompimento com algo que não corresponde ao esperado não reduz o risco, junto com a ansiedade provocada por essa busca incessante.

ANSIEDADE E ANGÚSTIA FRENTE À PSICANÁLISE

Para Dalgarrondo (2008), diversos autores utilizam os termos ansiedade e angústia como sinônimos. Há algumas diferenças, embora sutis, entre esses conceitos. A ansiedade é delimitada como estado de humor desconfortável, apreensão negativa em relação ao futuro, insegurança, irritabilidade, medo difuso e impreciso e desagradável inquietação interna. Esses sintomas estão relacionados às manifestações psíquicas e incluem manifestações somáticas e fisiológicas; dispneia, taquicardia, vaso constricção ou dilatação, sudorese geralmente fria, palpitação, tensão muscular, etc.

De acordo com Dalgarrondo (2008), a angústia é representada pela sensação de aperto no peito e na garganta, constricção e sufocamento. As características do quadro de angústia aproximam-se muito dos sintomas da ansiedade. Contudo, tem implicações mais corporais e mais relacionadas ao passado. No prisma existencial, angústia tem relevância mais marcante para a condição humana, sendo uma vivência mais “pesada”, mais fundamental que a experiência da ansiedade. Ainda sobre a angústia, Dalgarrondo (2008, p. 163) pontua:

A angústia tem importância central na teoria freudiana dos afetos. De modo geral, Freud concebe a angústia como um afeto básico emergindo do eterno conflito entre o indivíduo, seus desejos e suas necessidades, por um lado, e, por outro, as exigências de comportamento civilizados, restrições (p. ex., não desejar a mulher do próximo, não matar, respeitar o tabu do incesto, etc.) que a cultura impõe ao indivíduo. Devido a tais restrições, a pessoa experimenta irremediável “mal-estar na cultura”.

Considerando o escrito, a angústia é concebida por Freud como um afeto que emerge do conflito entre o sujeito, seus impulsos instintivos primordiais, seus desejos e suas necessidades, por um lado e, por outro, as exigências e restrições impostas pela civilização.

Em suas obras Freud, partindo de um ponto de vista econômico e adaptativo, citou dois tipos de ansiedade: angústia automática e angústia-sinal. A primeira se refere a um excesso de estímulos que o sujeito não dá conta, ou seja, não processa e, por esse motivo, reprime-os, emergindo como consequência a ansiedade, decorrente de um “represamento” de desejos,

fantasias, sentimentos, etc. Enquanto a angústia-sinal é o contrário da primeira, “é concebida como sendo um “sinal” que o ego emite diante de uma ameaça, e só então é que vai processar-se a repressão” (Zimerman, 1999, p.127). Diante dessas afirmativas, pode-se analisar o quanto a repressão dos desejos, fantasias e sentimentos pode alterar o psiquismo, contribuindo para o desencadear da ansiedade.

Freud (1895-1986) postulou que a angústia seria a transformação da libido não descarregada. Portanto, ficaria retida, represada no aparelho psíquico, gerando a angústia como consequência (Freud, 1895-1986 *apud* Dalgalarrondo, 2008). O autor acrescenta que, em teoria posterior, Freud presumiu que a angústia é um sinal de perigo, enviado pelo Eu, para evitar o aparecimento de algo muito mais ameaçador ao sujeito. Analisando o exposto, a função da angústia é alertar o sujeito para um sofrimento mais intenso, que originaria da parte do Eu, ativando os mecanismos de defesa.

Do ponto vista da origem, funcionamento e significado da ansiedade, Zimerman (1999, p. 127) pontua as seguintes concepções em Freud:

Angústia de nascimento (inicialmente, foi concebida nos termos descritos por O. Rank); angústia de desamparo (o termo original em alemão é *Hilflosigkeit*, tem o significado de uma sensação de terrível desvalia e abandono, deriva na incapacidade de o ego processar os traumas psíquicos e pode ser considerado como a prototípica de todas as demais angústias); angústia de perda (separações); angústia da perda do amor dos pais; angústia de castração (diretamente ligada ao conflito edípico e estabelece um limite para o crescimento “genital”); angústia de culpa e medo diante do superego (ameaça de punição, caso houver transgressão do código de valores por ele imposto à criança); angústia devido à presença do “instinto de morte” (determina um masoquismo autodestrutivo).

O autor acrescenta alguns aspectos em relação ao surgimento da angústia para Lacan. Fala daquela que acompanha o sujeito, que quando permanece fixo na “etapa do espelho”, sente-se transferido na imagem do outro, e a angústia pode surgir pela sensação de que não irá conseguir recuperar a própria autoimagem. O autor ainda dá destaque para a angústia que emerge do medo que o sujeito apresenta por não conseguir ser “o desejo do desejo do outro” (Zimerman, 1999, p. 128).

Conforme Dalgarrondo (2008), a afetividade é uma das contribuições da psicanálise que tem caráter essencial e determinante para a psicopatologia. Alguns sentimentos e emoções considerados normais podem ter implicações psicopatológicas conforme a intensidade e contexto no qual surgem e se desenvolvem. “A vida afetiva é a dimensão psíquica que dá cor, brilho e calor a todas as vivências humanas. Sem afetividade a vida torna-se vazia, sem sabor” (Dalgarrondo, 2008, p. 155).

Ressaltando a importância da afetividade para vivências humanas, Dalgarrondo (2008, p. 165) complementa:

As emoções podem ser definidas como reações afetivas agudas, momentâneas, desencadeadas por estímulos significativos. Assim, a emoção é um estado afetivo intenso, de curta duração, originalmente como a reação do indivíduo a certas excitações internas ou externas, conscientes ou inconscientes. Assim, como o humor, as emoções são frequentemente acompanhadas de reações somáticas (neurovegetativas, motoras, hormonais, viscerais e vasomotoras), mais ou menos específicas. O humor e as emoções são, ao mesmo tempo, experiências psíquicas e somáticas, e revelam sempre a unidade psicossomática básica do ser humano.

Ambiente Virtual e o Surgimento de Conflitos Psicológicos

Notadamente não há como negar as mudanças que o advento tecnológico provocou nas relações humanas. Esse novo contexto de comunicação que se apresenta poderá trazer implicações, e uma constante busca pelo ego ideal, ou seja, se mostrar diante das redes sociais que a família, a amizade, o emprego e suas relações sociais estão ajustadas e dentro do esperado pela sociedade. Deixando de levar em consideração que há conflitos no cotidiano e nem todos implicam um adoecimento psicológico, porém essa busca incessante pela perfeição poderá gerar conflitos psicológicos.

Nobre e Moreira (2013) afirmam que o ambiente virtual apresenta uma dimensão sobre o atual contexto da nossa civilização, e supõe que poderá provocar sequelas definitivas para a subjetividade contemporânea. Assim relaciona os efeitos da era tecnológica sobre a organização fantástica dos internautas, estabelecendo novas formas de construção de laços sociais e

consequentemente uma nova sociedade. Portanto, o ambiente virtual poderá ser o novo lugar para a construção de laços sociais em busca da realização de um desejo, e para contrapor com a realidade.

Nobre e Moreira (2013) acrescentam que o sujeito apresenta uma relação instrumental com os dispositivos da internet. Todavia, essa condição não invalida os possíveis impactos sobre a subjetividade. Diante das redes sociais, por meio de visualizações do perfil representadas pelo outro, o sujeito poderá desenvolver um sentimento de inveja diante da constatação que a vida do outro se apresenta como gostaria que assim fosse sua própria vida.

Segundo Dalgarrondo (2008), a inveja caracteriza-se por uma sensação de desconforto, raiva e angústia diante da comparação que o outro possui qualidade, relacionamentos ou algo que o sujeito gostaria de ter, mas não tem. Esse sentimento poderá desencadear sofrimento psíquico. Assim, a inveja excessiva poderá ter efeito avassalador nas relações interpessoais.

Conforme Bauman (2004), as relações virtuais firmam um padrão que orienta outras formas de se relacionar. Portanto, essa nova forma de relacionamento não traz felicidade aos que se rendem a essa pressão; mas diante dessa nova possibilidade de relacionamentos não há como imaginar se seriam mais felizes nas relações pré-virtuais. A respeito dos relacionamentos, o mesmo autor complementa:

Por todos os motivos, a visão do relacionamento como uma transação comercial não é a cura para a insônia. Investir no relacionamento é inseguro e tende a continuar sendo, mesmo que você deseje o contrário; é uma dor de cabeça, não um remédio. Na medida em que os relacionamentos são vistos como investimentos, como garantia de segurança e solução de seus problemas, eles parecem um jogo de cara ou coroa. A solidão produz insegurança – mas o relacionamento não parece fazer outra coisa. Numa relação, você pode sentir-se tão inseguro quanto sem ela, ou até pior. Só mudam os nomes que você dá à ansiedade (Bauman, 2004, p.30-31).

Nobre e Moreira (2013) relatam que a experiência por meio do prazer imediato que o ambiente virtual propicia, associada ao individualismo narcísico e alienante que predomina nas sociedades capitalistas, pode estabelecer impacto significativo, que modifique de maneira profunda e provavelmente irreversível a constituição da subjetividade na pós-modernidade. “Assim sob os cuidados da fantasia e, uma vez absorvido pelos roteiros imaginários do

ciberespaço, o eu (ego) pode distrair-se de sua vigilância para com a balança dos princípios do prazer e da realidade, entreteendo-se perante o universo virtual” (Nobre; Moreira, 2013, p.7).

Considerando o ego como parte modificada do id, Freud (1923-1925, p. 38-39) evidencia:

É fácil ver que o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do Pct.-Cs.; em certo sentido, é uma extensão da diferenciação de superfície. Além disso, o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e as tendências destes, não esforça-se por substituir o princípio do prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio da realidade. Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto. O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contrastes com o id, que contém as paixões. Tudo isto se coaduna as distinções populares com que estamos familiarizados; ao mesmo tempo. Contudo, só deve ser como confirmado na média ou “idealmente”.

No ambiente virtual, o sujeito busca a realização dos seus desejos. Quando não são correspondidos poderá desencadear conflitos internos diante da busca do eu ideal. Portanto, o ego ideal está subestruturado, ligado com o superego, ou seja, as determinações internas forçam o sujeito a buscar, na vida real, as demandas provenientes de seus próprios ideais. No geral, está influenciado por ilusões narcisistas que não podem ser alcançadas. Assim, “determinam no indivíduo um estado mental que se caracteriza por uma facilidade para sentir depressão e humilhação diante dos inevitáveis fracassos daquelas ilusões” (Zimerman, 1999, p.134).

Zimerman (1999) aponta o ideal do ego também como uma subestrutura conectada ao superego, sendo que resulta dos ideais do próprio “ego ideal” da formação projetada e idealizada nos pais e que acrescentam aos originais mandamentos resultantes do “ego ideal” de cada um dos seus pais. O autor completa:

Dessa forma, o sujeito fica submetido às aspirações dos outros sobre o que ele deve ser e ter, e daí resultam que o seu estado mental prevalente é o de um permanente sobressalto e o fácil acometimento de sentimento de vergonha quando ele não consegue corresponder às expectativas dos outros, que passam a ser também as suas (Zimerman, 1999, p. 134).

Fortim e Araújo (2013) relatam que um dos aspectos mais apresentados pelo sujeito que navega no ambiente virtual é a dinâmica referente ao controle. As relações virtuais lhe dão a sensação de controle sobre a relação. Desse modo, a internet se apresenta como ambiente de estabilidade. Permite que o sujeito vivencie experiências que na vida “real” não seria permitido pelo medo de não ser amado caso apresente-se como realmente é.

Fortim e Araújo (2013) ainda falam que a internet tem como função permitir aos internautas a sensação de liberdade. Assim, o ambiente virtual dá a sensação que nesse meio ele pode ser livre, pode ser quem quiser, sem a censura ou sanções sociais. Deste modo, diante da tela do computador as barreiras defensivas são colocadas de lado e o sujeito poderá mostrar suas características livre do julgamento do outro.

O uso do ambiente virtual em busca da realização do desejo do eu ideal poderá trazer consequências negativas na vida “real” do sujeito, comprometendo as relações no âmbito familiar e social concomitantemente, contribuindo para desencadear uma desorganização psíquica.

De acordo com Lanzarin (2000), o uso da internet pode ser patológico, ou não, o que define é o tempo de acesso e como esse compromete as relações, atividades sociais e familiares. Assim, identificar o uso patológico esbarra no limite entre o uso sem danos e prejuízos e o surgimento de consequências lesivas que emergem da atividade executada em excesso.

Por seu lado, Fortim e Araújo (2013) apontam que o uso excessivo da internet traz consequências negativas. O sujeito deixa de cuidar dos relacionamentos familiares, tais como casamento, relação entre pais e filhos e os relacionamentos com amigos fora do ambiente virtual. Acrescenta que o uso excessivo poderá desencadear sintomas de abstinência, como alteração de humor, inquietude, tristeza, irritabilidade e ansiedade.

Desse modo, articulando os autores supracitados, vale ressaltar que esses aspectos psicológicos são decorrentes do uso excessivo do ambiente virtual, ou seja, o sujeito perde o controle de si mesmo, envolvido pelo mundo sedutor que a internet propicia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização dessa pesquisa possibilitou um conhecimento a respeito da fantasia vivenciada no ambiente virtual em busca da realização do desejo do eu que gostaria de ser. Partindo do conhecimento que, por meio da relação com o outro, o sujeito constrói seus valores culturais identifica-se, tornar-se pertencente e inserido ao processo grupal. Contudo, os padrões dos relacionamentos humanos foram se modificando de acordo com o contexto histórico. Assim, não há como negar que as mudanças tecnológicas extremamente rápidas têm requerido do sujeito uma nova autopercepção e uma nova preparação para vida em sociedade.

O ambiente virtual possibilita ao sujeito outra forma de realizar fantasias, uma vez que se apresenta como um mundo fascinante e sedutor, permitindo uma realidade provavelmente não vivenciada no cotidiano. Por meio de relações estabelecidas em “redes sociais”, o sujeito poderá se aproximar do desejo do eu que gostaria de ser. No entanto, as relações estabelecidas no ambiente virtual poderão ser uma defesa contra as ameaças advindas das relações “reais”. Levando em consideração que no virtual o sujeito não se apresenta acessível fisicamente, dessa forma evita o contato com a fragilidade do outro, e assim com suas próprias fragilidades.

A fantasia realizada no ambiente virtual poderá causar uma desorganização psíquica, pois o sujeito poderá se apresentar como gostaria de ser, e não necessariamente como é de fato, travando uma busca incessante pela aprovação do outro. O sujeito que interage por meio das redes sociais poderá sofrer uma pressão para que se apresente de forma igual, ou seja, se apresente de forma “ideal” dentro do esperado em determinada sociedade. Portanto, poderá apresentar conflitos psíquicos por não corresponder ou se encaixar neste contexto.

As contribuições positivas e negativas do advento tecnológico, no tocante da internet, são evidentes. Contudo, mediante a pesquisa realizada pode-se compreender que o problema não está necessariamente na fantasia realizada no ambiente virtual, e sim quando essa nova possibilidade de interação social se tornar mais atrativa que as experiências do “mundo real”. Portanto, nesse contexto o sujeito poderá desencadear uma desorganização psíquica mediante o uso inadequado e/ou excessivo do ambiente virtual. O uso excessivo poderá desencadear sintomas de abstinência, como alteração de humor, inquietude, tristeza, irritabilidade e ansiedade. Dessa forma, iden-

tificar o uso patológico relaciona-se com o limite entre o uso sem danos e prejuízos e o surgimento de consequências lesivas. O tema está fortemente presente na modernidade. Sugere-se que várias pesquisas sejam realizadas para uma melhor compreensão no que se refere às consequências psicológicas em relação à problemática.

A chamada era virtual tem derrubado dogmas, desafiado princípios, criado novas formas de expressar sentimentos e se relacionar, convocando as pessoas a um ritmo vertiginoso. Tudo isso impacta o ser humano em si e em suas relações básicas, demandando um olhar atento da psicologia.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zgmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2004.

.**Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2001.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia dos transtornos mentais**. 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2008. 440 p.

DELLA, Torre M.B.L. **O homem e a sociedade: uma introdução à sociologia**. 15. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1989.

FORTIM, Ivelise; ARAUJO, Ceres Alves de. **Aspectos psicológicos do uso patológico de internet**. Bol. - Acad. Paul. Psicol., São Paulo, v. 33, n. 85, p. 292-311, dez. 2013 Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2013000200007&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 01 outubro de 2017.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Tradução da obra "The standard edition of the complete psychological Works of". Vol. 19, 1923-1925.

.O futuro de uma ilusão. **O mal-estar na civilização e outros trabalhos**. . Tradução da obra "The standard edition of the complete psychological Works of". Vol. 21, 1927- 1931.

LANZARIN, Claudia Cruz. **A fantasia e o baile de máscaras do final do milênio**. Psicologia cienc. Brasília, v.20, n. 3. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14149893200000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 de abril de 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os Tempos hipermodernos ou a sociedade hipermoderna**. In: Charles, Sébastien. São Paulo. Editora Bacarolla, 2004.

NOBRE, Márcio Rimet; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. **A fantasia no ciberespaço: a disponibilização de múltiplos roteiros virtuais para a subjetividade**. Ágora (Rio J.), Rio de Janeiro, v.16. n.2. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982013000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 abril 2017.

OLIVEIRA, Gessé Duque Ferreira de; CECCARELLI, Paulo Roberto. **Realidade virtual v. realidade psíquica**. Estud. psicanal., Belo Horizonte, n. 44, p. 101-107, dez. 2015 Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo>>

php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000200011&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 01 outubro de 2017.

PEREIRA, Júlio César Mendes; COELHO, Solange. **Relações Sociais Virtuais: uma leitura psicanalítica**. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?um=1&ie=UTF8&lr&cites=137680929293579_8283>. Acesso em 10 de abril de 2017.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 874 p.

ZIMERMAM, David E. **Fundamentos Psicanalíticos: Teoria e Clínica – uma Abordagem Didática**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOBRE A AUTORA

Jacilene Brito da Silva

Servidora pública da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Graduada em Psicologia (Anhanguera-SP). Pós-Graduada em Transtorno do Espectro Autista: Inclusão Escolar e Social. (Centro Universitário Internacional UNINTER).

ÍNDICE REMISSIVO

A

adoecimento psicológico 25

ambiente 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 25, 26, 27, 28, 29

ambiente virtual 11, 12, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 25, 26, 27, 28, 29

angústia 20, 23, 24, 26

ansiedade 11, 12, 17, 22, 23, 24, 26, 28, 29

C

comunicação 16, 20, 25

convivência social 13

D

desenvolvimento 13

E

estado mental 27

F

fantasia 11, 12, 17, 18, 19, 20, 22, 26, 29, 31

fantasias 11, 12, 18, 19, 20, 24, 29

fantasia virtual 11, 12

G

globalização 13

I

internet 14, 22, 26, 28, 29, 31

irritabilidade 23, 28, 29

J

juízo 28

L

laço social 13

liberdade 6, 16, 28

linguagem 20

M

modernidade 12, 13, 14, 16, 26, 30

N

narcisistas 27

P

psicanalítico 11, 12, 18

psicologia 12, 20, 30
psíquica 11, 12, 18, 25, 28, 29, 31
psíquicos 11, 12, 24, 29

R

realidade virtual 12
redes sociais 12, 20, 21, 25, 26, 29
relacionamentos humanos 13, 17, 29
relações humanas 13, 25
relações sociais 11, 12, 13, 18, 25

S

serviços 6
sociedade 12, 13, 14, 22, 25, 26, 29, 31

T

tecnologias 13
tecnológico 14, 16, 25, 29
tensão nervosa 13

V

valores culturais 13, 29
vida social 14
virtuais 11, 12, 15, 19, 22, 26, 28, 31
virtual 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31



AYA EDITORA
2026